

# Comércio tem prejuízo de 80%

Desfalque no quadro diário de funcionários, atrasos constantes e prejuízos em torno de até 80%, é a situação que os comerciantes vêm enfrentando com a greve dos motoristas de ônibus em Brasília. O mês de novembro que é considerado o segundo maior, em número de vendas durante o ano, ainda se encontra parado, uma vez que as pessoas não têm como se locomoverem. Os proprietários de estabelecimentos estão pagando lotação para que os funcionários compareçam ao trabalho e nem sempre conseguem pegar todos.

O gerente das Lojas Riachuelo, na W-3, João Antônio de Almeida, informou que no primeiro dia de greve faltaram 27 funcionários. "Hoje a loja está pagando lotação de carros particulares, reembolsando os funcionários que estão utilizando seus automóveis para ir ao trabalho. Almeida reclamou que a loja está arcando com altos custos sem retorno, uma vez que as pessoas não têm como sair das satélites para fazer suas compras no Plano. "A greve provocou uma queda de 50% nas vendas e ainda está provocando muito transtorno para os comerciantes", disse ele.

## Passagem

No Setor Comercial Sul, diversas bancas de camelôs se encontram vazias, muitas porque o proprietário não ter como se locomover e outros por acharem que não compensa pagar lotação. Livramento de Araújo, que há cinco anos tem uma banca no Setor Comer-

cial, disse que paga 25 cruzados do Cruzeiro até o SCS. "As vendas diminuíram muito e tem dia que não dá para pagar a passagem, como foi na segunda-feira, que eu não vendi nem uma peça", disse ela.

No Bar e Restaurante Fenícia, também no Setor Comercial, o movimento caiu muito com a greve. Segundo a proprietária, Rosiene Lustosa, todos os dias estão faltando cerca de quatro funcionários e o bar está sempre vazio em relação aos dias anteriores à greve. As lojas maiores não estão enfrentando muitos problemas em relação à falta de pessoal, uma vez que pagam carros particulares para transportar seus funcionários, no entanto os estabelecimentos se encontram esvaziados.

## Paralisação

Na Rodoviária do Plano Piloto a situação é pior. Os comerciantes vivem em função dos passageiros das diversas cidades-satélites e com a paralisação dos rodoviários o movimento acabou. O gerente da Cobal — situada na plataforma inferior —, Francisco das Chagas, disse que o movimento caiu em torno de 80%. A dona da Pastelaria Viçosa, Iracy Caetano Batista, informou que antes da greve ela vendia diariamente cerca de 7 mil cruzados e hoje o faturamento do dia fica em torno de um mil cruzados. Um vendedor ambulante de geleias, Vilmar dos Santos, disse que conseguia vender diariamente, na Rodoviária, 40 geleias. No primeiro dia de greve ele disse que vendeu apenas duas e ontem três.